

**DESVENDANDO GÊNERO COMO CATEGORIA INSTÁVEL:
PONTOS DE ENCONTRO ENTRE JUDITH BUTLER E
PÓS-ESTRUTURALISMO EM MICHAEL PETERS**

**Rômulo da Silva Ames¹
Bruno Ramos Mendonça²**

Palabras clave: Pós-estruturalismo; Gênero; Sexo; Feminismo; Categoria.

INTRODUCCIÓN

Os desafios do cotidiano como a discriminação de gênero, mais comumente tematizado como sexismo, impõe a nós, pesquisadores, a urgência de problematizar a gênese de tal problema, bem como as possibilidades teóricas que podem surgir como alternativas para combater, além de almejar a melhoria da qualidade das relações humanas. Nesse sentido, o presente resumo expandido apresenta uma discussão sobre os horizontes e possibilidades de se pensar gênero enquanto uma categoria filosófica, tematizada sob a ótica do pós-estruturalismo teorizado por Michael Peters, e de interseções com filosofias feministas tais como a de Judith Butler e Guacira Lopes Louro. Metodologicamente, essa é uma investigação teórica que procura realizar pontos de encontro entre as teorias filosóficas do pós-estruturalismo e o feminismo de Judith Butler, que, num cenário mais amplo, se complementam e sugerem nítidas aproximações. Para isso, utilizamos revisão bibliográfica como metodologia para extrair as informações e possibilitar a discussão. No contexto do III Encontro Internacional de Pós-graduação UFFS (BR) e UNaM (AR), intenta-se, na apresentação deste resumo expandido, ampliar a discussão do conceito de Gênero para além de implicações sociais e políticas, sob a ótica de praticidades. A investigação, nessa perspectiva, procura estabelecer algumas considerações filosóficas que são relevantes para esse debate.

¹ Universidade Federal Da Fronteira Sul - Campus Chapecó, email: amesromulo@yahoo.com.br.

² Universidade Federal Da Fronteira Sul - Campus Chapecó, email: bruno.ramos@uffs.edu.br.

DESARROLLO

Inspirado pela perspectiva de pensar Gênero a partir de uma ótica pós-estruturalista e de teorizações como as de Judith Butler, este trabalho procura desenvolver uma interseção entre as considerações de Michael Peters em seu livro Pós-Estruturalismo e Filosofia da Diferença: [uma introdução], no capítulo Estruturalismo, Pós-Estruturalismo, e Pós-Modernismo, com as discussões de Judith Butler em sua obra, Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade, no capítulo Sujeitos do Sexo/Gênero/Desejo na medida em que esse diálogo procura romper com o conceito de Gênero enquanto uma categoria fixa e estável. O propósito deste trabalho é justamente introduzir conexões possíveis entre as duas temáticas, para elencar e demonstrar de que maneira se justifica o conceito de Gênero como uma categoria instável, no sentido de ser uma construção social. Em termos mais específicos, o trabalho consiste em uma reconstrução dos principais conceitos, argumentos e premissas desses autores, seguido de uma busca por aproximações no campo teórico. Em um primeiro momento, procuramos demonstrar a partir de uma introdução com a Prof.^a Dra. Guacira Lopes Louro, que em seu texto Gênero, Sexualidade e Educação: Uma Perspectiva Pós-Estruturalista, no capítulo A emergência do gênero indica a aproximação e alinhamento das teorizações sobre o conceito de Gênero ao contexto pós-estruturalista, sugerindo que a categoria há de ser considerada em vias de uma construção sempre condicionada por um olhar interessado, que neste caso, é a posição do feminismo teórico que se utiliza do conceito como uma ferramenta analítica/política. Em sequência, resgatamos com Michael Peters os principais pontos de partida das investigações Pós-estruturalistas no que diz respeito ao status epistemológico/ontológico do conceito de Gênero. Após isso analisamos o texto de Judith Butler e a questão da suposta continuidade entre Sexo e Gênero. A partir da denúncia da Filósofa Americana sobre o que estabiliza as categorias, a saber, o domínio pré-discursivo e a metafísica da substância, que, em uma terceira seção, discutem-se os possíveis pontos de encontro entre a Filósofa e o pós-estruturalismo, procurando sintetizar e estabelecer interações com as seções anteriores. Concluimos a partir do desenvolvimento deste trabalho que o conceito de Gênero pensado como uma categoria

aberta e instável fica mais bem compreendido quando se estabelece certos alinhamentos teóricos com perspectivas amplas tais como o pós-estruturalismo.

RESULTADOS, AVANCES Y REFLEXIONES

A escrita deste trabalho possibilitou uma compreensão mais profunda e ampla sobre o conceito de gênero, justamente por pensá-lo sob uma perspectiva filosófica, enquanto categoria do pensamento, instável, sempre em construção, e que, a partir do alinhamento teórico do feminismo de Judith Butler com o Pós-estruturalismo, podemos vislumbrar certas incoerências discursivas no âmbito das relações humanas. Ora, uma vez assumindo que gênero e sexo não estão imbricados numa relação de causa e efeito, conforme sugere a teoria filosófica de Judith Butler, a discriminação de Gênero que é combatida e reprimida num sentido prático, penal, também pode ser combatida num âmbito epistemológico, uma vez que, com as filosofias feministas podemos denunciar a incoerência discursiva de assumir que sexo causa o gênero, e de que este último é pura e unicamente a interpretação cultural do sexo.

CONSIDERACIONES FINALES Y PROYECCIONES

O presente trabalho procurou investigar as possibilidades teóricas de se pensar gênero enquanto categoria filosófica. A principal questão que se pode visualizar no andamento deste trabalho é a legitimidade do argumento apresentado por Judith Butler, que, além de se sustentar argumentativamente, é possível encontrar suporte e alinhamento com uma perspectiva mais ampla com o pós-estruturalismo. Projeta-se, a partir dessa perspectiva, que se estimule o debate e a discussão dessa categoria, em favor de pensá-la enquanto uma construção, algo que se produz a partir de relações, e não vinculada, necessariamente, à uma essência (do que é, necessariamente ser homem ou ser mulher). Diante da complexidade desta temática, é inevitável ampliá-la para um nível mais abrangente umas vezes que a pensar Gênero enquanto categoria instável pode levantar alguns questionamentos. Algumas questões, nesse contexto, podem surgir sob forma de problematização: É possível modificar o conceito de gênero ao ponto de conseguirmos contemplar todos os indivíduos, como os que são discriminados ou marginalizados – que carecem de uma definição ou de um espaço dentro das múltiplas

possibilidades de gênero? Ou até: “Se o conceito é aberto, a quem ele se refere? Considerar gênero de tal modo não cairia em relativismo, ou numa insuficiência para descrever os indivíduos e a realidade social?

De fato, essas problematizações aparecem, mas nunca em sentido negativo. É a partir da abertura na discussão, de pensar gênero enquanto uma categoria aberta, passível de mudança e construção, que podemos inserir neste debate algumas outras perspectivas, tal como a engenharia conceitual, que propõe revisões nos conceitos, a fim de melhorá-los. No contexto do feminismo, essa melhoria assume a missão de ampliar as definições – do que é gênero, por exemplo – a fim de reduzir desigualdades, injustiças e incoerências discursivas. Nesse contexto, Sally Haslanger no artigo “Gender and Race: (What) are they? (What) do we want them to be?”, procura revisar o conceito de gênero, perguntando-se: O que queremos que ele signifique? Qual é a tarefa cognitiva que o conceito de gênero quer apontar? As ferramentas do conceito são suficientes para realizar os seus objetivos? Em outras palavras, estas ferramentas cumprem o objetivo de contemplar todas as individualidades destes sujeitos?

REFERENCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução Renato Aguiar. 18. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

PETERS, Michael. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 96 p. (Coleção Estudos Culturais, 6).

HASLANGER, Sally. Gender and Race: (What) are they? (What) do we want them to be? **NOÛS**, v. 34, n. 1, p. 31-55, 2000.